

ANTUNES, Ângela; GADOTTI, Moacir. “Introdução”. In: ANTUNES, Ângela (org.). *Conselhos de Escola: formação para e pela participação*. São Paulo: Editora Cortez, Instituto Paulo Freire, 2005.

Introdução

“Precisamos contribuir para criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso, que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, em que se adivinha, em que se fala, em que se ama, a escola que apaixonadamente diz sim à vida”. (Paulo Freire, 1995)

Este livro é um dos frutos do Projeto Gestores Educacionais dos Conselhos de Escola, desenvolvido no período de março de 2003 a dezembro de 2005, pelo Instituto Paulo Freire (IPF) junto às unidades educacionais da Coordenadoria de Educação da Sub-Prefeitura de Perus (2003-2004) e de Pirituba (2005), no Município de São Paulo, em parceria com o Instituto C&A de Desenvolvimento Social.

Desde 1994, as escolas do Morro Doce vêm organizando ações educativas integradas. Em 1999, realizaram o “I Encontro de Educadores Municipais”, com três escolas: EMEF Paulo Prado, EMEF Jd. Britânia e EMEI M^a. José Dupré. Em fevereiro de 2001, aconteceu uma reunião ampliada com as escolas da região. Desse encontro, surgiu o desafio de elaborar um projeto pedagógico único para o local. Em março de 2002, o IPF e as escolas do Morro Doce participaram do “VII Encontro de Educadores das Escolas Municipais do Morro Doce”, discutindo o tema: “A construção do Projeto Político-Pedagógico do Morro Doce”. No ano de 2003, fruto desses encontros, nasceu o GECE. O projeto beneficiaria apenas a região do Morro Doce, em 9 escolas, mas, por solicitação da Coordenadoria de Educação de Perus, ele se estendeu a todas as 31 unidades educacionais vinculadas àquelas Coordenadoria.

Foram oferecidas 80 vagas para o curso. Formamos duas turmas de 40 participantes. Após a divulgação do curso junto às escolas, abriram-se as inscrições para os interessados em participar. A Secretaria de Educação, entendendo a importância do GECE, validou o curso para os funcionários públicos, ou seja, certificou aqueles que cumpriram a frequência e desenvolveram as atividades solicitadas, contando pontos para a carreira dos mesmos. A própria escola definiu critérios para a escolha dos participantes interessados, garantindo a representação dos diferentes segmentos do curso.

O GECE nasceu, então, da confluência de dois sonhos: um da comunidade de Morro Doce e Perus e outro do IPF. O projeto constituiu em oferecer formação para e pela participação aos representantes dos diferentes segmentos dos Conselhos de Escola de todas as unidades educacionais da região.

Os Conselhos de Escola com caráter deliberativo foram instituídos no município de São Paulo

no último ano do governo Mário Covas. Mas, logo em seguida, com a eleição de Jânio Quadros, eles voltaram a ter caráter consultivo. A gestão de Luiza Erundina (1989-1992) resgatou a proposta do governo Covas, atualizou a legislação, incorporando contribuições da rede e, novamente, os Conselhos passaram a ter caráter deliberativo. Desde então, os membros dos conselhos têm poder de voz e voto na gestão escolar.

Mas... já dizia Carlos Drummond em seus versos: “As leis não bastam/Os lírios não nascem das leis”. É preciso adubar a terra, cuidar da plantação para que ela floresça. A criação da lei foi uma importante conquista. Mas as leis sozinhas não mudam muita coisa. No caso dos Conselhos, é fundamental a formação para a participação. Democracia, cidadania, autonomia exigem aprendizado. Muitos membros dos Conselhos desconhecem a legislação que regulamenta a sua atuação. Não sabem quais são as suas atribuições. Não sabem como devem ser eleitos os seus membros. Desconhecem sua estrutura e funcionamento.

O projeto de formação de Gestores Educacionais dos Conselhos de Escola (GECE) teve como objetivo, a partir da prática vivida naqueles colegiados, formar para a participação e criar condições favoráveis para que os membros do CE pudessem participar ativamente da elaboração do projeto político-pedagógico das escolas.

Ao longo dos três anos de vivência do projeto, o Instituto Paulo Freire procurou ter um cuidado especial com o registro de cada frase. Há relatórios e dossiês com as ações desenvolvidas. Cada membro do Conselhos também foi orientado a fazer seu “diário de campo”. Pais, alunos, professores escreveram suas narrativas.

Certamente, neste livro, não está registrado tudo que foi vivido. Foram tantos participantes. Tantas realidades. Tantas percepções. Tantos contextos. Entre o planejado e o vivido, entre o vivido e o registrado, todos sabemos que há ricas vivências, inúmeros saberes construídos e muitos deles podem não estar aqui explicitados (“a maior maravilha é o sonho por trás dos fatos” - Carlos Drummond): por isso esclarecemos que se trata do registro de uma parte do que foi vivido. Nem a experiência dos Conselhos de Escola nem este texto estão acabados. Somos parte de uma história que começou antes de nós e há de continuar. Esperamos que outras narrativas se somem a esta. Que este livro estimule a escrita de outras dimensões que escaparam aos olhos daqueles que aqui sistematizaram a caminhada GECE.

Organizamos esta publicação em três partes. Na primeira, apresentamos algumas questões relacionadas à democracia na escola (o porquê de sua importância, como exercê-la efetivamente no cotidiano escolar, qual é o papel do Estado, do servidor público e da sociedade na promoção da democracia) e à construção do projeto político-pedagógico na perspectiva democrática.

Na segunda parte, tratamos dos princípios e fundamentos para a formação dos gestores educacionais: a Leitura do Mundo, os Princípios de Convivência, os Círculos de Cultura Virtual, as

lutas locais e planetárias.

A terceira parte registra a “voz dos participantes”. Foi constituída uma “comissão editorial” representante dos participantes do curso para que escrevesse esse capítulo. Essas pessoas se reuniram, organizaram dados, depoimentos, registros do processo de formação e, assim, foram também escritores da história. Aqui, na terceira parte, o leitor e a leitora encontrarão as contribuições do GECE para a elaboração do Projeto Político-Pedagógico da região.

A história vivida e aqui descrita foi só possível porque pudemos contar com o apoio de muitas pessoas e instituições e, em especial, do Instituto C&A, que foi parceiro de todas as horas nessa caminhada, seja colaborando com os recursos financeiros, seja respeitando democraticamente a autonomia do projeto a partir das prioridades definidas pelo grupo com o qual trabalhamos. O fato de o Instituto C&A ser a instituição financiadora não implicou qualquer gerência pedagógica na formação. Aprendemos juntos. Ressignificamos nossos papéis. Tivemos a oportunidade de qualificar as relações entre os diversos atores envolvidos: o IPF com as escolas, entre as escolas da região, da instituição formadora com o IPF e com as escolas. O Instituto C&A foi parceiro. Esteve presente em ações de formação, bem como em reuniões de avaliação e planejamento sempre respeitando a autonomia do grupo e contribuindo para que o processo educacional permitisse a aprendizagem de todos os sujeitos envolvidos. Foram vários tipos de diálogos que estabelecemos ao longo da caminhada e todos deixaram muitas lições.

O GECE revelou que é possível criar novos espaços e tempos para a participação e que, oferecendo condições, todos os segmentos se mostram interessados em participar. Mostrou ainda que a formação é imprescindível para qualificar educacional, política e socialmente a atuação dos membros dos Conselhos de Escola.

Vários foram os momentos que marcaram este projeto: a experiência da “Leitura do Mundo” de forma dialógica (o que propiciou a todos os participantes um novo olhar sobre si mesmo, sobre a escola e o seu entorno, sobre a realidade em que vivem, sobre o projeto de escola que desejam para a comunidade, sobre a atuação que vinham desenvolvendo nos Conselhos da Escola), a construção dos “Princípios de Convivência” do grupo (o que muito contribui para que nossas relações, ao longo do tempo em que convivemos, fossem de respeito à diferença, de abertura para o aprendizado, de comportamento ético, de amorosidade, abrindo espaço para aprender, com a razão e com a emoção). Também foram marcantes os “Grupos de Estudo” (momentos em que compartilhamos nossas dúvidas, nossos saberes, nossas angústias, nossos desafios, nossas conquistas), os “Encontros Interconselhos”, em que tivemos a oportunidade de reunir membros de todos os conselhos de todas as unidades educacionais da região, realizando debates esclarecedores e fecundos para todos e promovendo momentos de confraternização poética e ética. Não foi menos especial a formação nos “círculos de cultura virtual”. Compartilhamos a alegria dos pais, alunos, professores que, pela

primeira vez, tiveram a oportunidade de trocar e-mails e participar de “chats”, discutindo questões relacionadas à democracia na escola e outras de interesse do grupo. A participação de representantes de todos os segmentos, por meio do GECE, nos Fóruns Mundiais de Educação, nos Fóruns Sociais Mundiais, no Fórum Social Brasileiro também reservou momentos de significativos aprendizados a todos nós.

O curso do GECE reitera a certeza de que “um outro mundo é possível” e ele será construído na medida em que soubermos reinventar o poder: construir um outro mundo a partir do nosso quintal, da nossa escola, do nosso bairro, da nossa cidade, nos pequenos gestos e ações do cotidiano, nas relações humanas democráticas e solidárias que construirmos em nossas moradas, em nossos espaços educacionais, associando nossa luta local às regionais, nacionais e planetárias, acreditando que “mudar é difícil, mas é possível, necessário e urgente!”

Ângela Antunes e Moacir Gadotti

Instituto Paulo Freire